



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS ESPECIALIZADOS
CURSO DE PEDAGOGIA

ACCHYLEY JAMYLLY SOLON DE BRITO

**O DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM
CASO A SER ACOMPANHADO**

FORTALEZA-CE

2019

ACCHYLEY JAMYLLY SOLON DE BRITO

O DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM CASO
A SER ACOMPANHADO

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia do Departamento de Estudos Especializados da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria José Barbosa.

FORTALEZA-CE

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

B875d Brito, Acchyley Jamilyly Solon de.

O DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM CASO A SER
ACOMPANHADO / Acchyley Jamilyly Solon de Brito. – 2019.

47 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação,
Curso de Pedagogia,
Fortaleza, 2019.

Orientação: Profa. Dra. Maria José Barbosa.

1. Desenvolvimento da oralidade. 2. Criança. 3. Educação Infantil. 4. Interações . 5. Linguagem. I. Título.

CDD 370

ACCHYLEY JAMYLLY SOLON DE BRITO

O DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM CASO
A SER ACOMPANHADO

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia do Departamento de Estudos Especializados da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Prof.^a Dra. Maria José Barbosa (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Luís Távora Furtado Ribeiro
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Robéria Vieira Barreto Gomes
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dedicatória,

Dedico este trabalho a Deus, à minha família e a todos os pais, professores e pesquisadores que buscam entender da melhor forma como ocorre o processo de desenvolvimento da oralidade da criança.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade de ingressar na Universidade Federal do Ceará e me acompanhar em todo o meu percurso. Aos meus avós José Solon e Maria dos Anjos que sempre demonstraram amor e carinho, também me apoiando financeiramente com paciência nos meus estudos. À minha mãe Héstia Solon com suas palavras de força e toda sua dedicação na formação da mulher que tenho me tornado. Às minhas irmãs Rafaella e Jessyka pelo apoio e por sempre acreditarem em mim. Ao meu namorado Vinícius Moraes que esteve comigo desde o início do meu ingresso na Universidade me dando apoio e auxílio ao longo dos meus estudos. Às minhas amigas da faculdade Cearense e também as da UFC que tornaram esse percurso universitário mais leve e descontraído. À minha orientadora Prof. Dra. Maria José Barbosa com todos os seus grandes ensinamentos e experiências servindo de importante relevância na construção dos meus conhecimentos. E por fim, aos professores da licenciatura em Pedagogia, pelas reflexões críticas e aprendizagens compartilhadas ao decorrer do curso.

“Para compreender a linguagem dos demais não é suficiente compreender as palavras, é necessário entender seu pensamento.”

(Lev Semyonovich Vygotsky)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral investigar como se dão os processos de oralidade nas diversas etapas do desenvolvimento de crianças de três a quatro anos de idade. Inicialmente fundamentamos a pesquisa nas teorias de Vygotsky (1984) e Piaget (1999), também buscando conhecer os conceitos que os documentos oficiais trazem sobre a Educação Infantil e suas propostas pedagógicas. Por conseguinte, abordou-se a importância do papel do professor e a relação da família como participante desse processo de desenvolvimento. A metodologia utilizada foi de natureza qualitativa, através de um estudo de caso realizado em uma escola da rede privada com uma criança de três anos e meio de idade, pertencente à creche da educação infantil nível III. Como estratégias foram feitas observação e entrevista com a professora da turma. Com base na investigação, analisamos os processos de desenvolvimento da oralidade da criança observada e suas respectivas dificuldades podendo ser geradas na fala, o seu comportamento na sala de atividades e em casa, suas interações com os colegas de turma, com a professora e com os familiares; também observando e averiguando o trabalho pedagógico da professora, sua relação com a criança e com a família. Por fim, mediante os resultados da pesquisa, trazemos nas considerações finais os fatores que determinam para o retardamento da fala e os que contribuem para a construção da linguagem oral da criança.

Palavras-Chave: Desenvolvimento da Oralidade. Criança. Educação Infantil. Interações. Linguagem.

ABSTRACT

This paper aims to investigate how oral processes occur in the various stages of development of children from three to four years old. Initially we base the research on the theories of Vygotsky (1984) and Piaget (1999), also seeking to know the concepts that the official documents bring about early childhood education and its pedagogical proposals. Therefore, we addressed the importance of the teacher's role and the family's relationship as a participant in this development process. The methodology used was qualitative, through a case study conducted in a private school with a child of three and a half years, belonging to the nursery school level III. As strategies were made observation and interview with the teacher of the class. Based on the investigation, we analyzed the observed child's oral development processes and their respective difficulties that could be generated in speech, their behavior in the classroom and at home, their interactions with their classmates, the teacher and the students relatives; also observing and ascertaining the teacher's pedagogical work, its relationship with the child and the family. Finally, through the results of the research, we bring in the final considerations the factors that determine speech retardation and those that contribute to the construction of the child's oral language.

Keywords: Orality Development. Child. Child education. Interactions. Language.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	11
2. DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE NA INFÂNCIA	14
2.1 Desenvolvimento da fala nas perspectivas de Vygotsky e Piaget	14
2.2 Família como papel fundamental no processo de evolução da linguagem oral da criança	19
3. EDUCAÇÃO INFANTIL: primeira etapa da Educação Básica	23
3.1 Definições sobre a educação infantil com base nos documentos oficiais e alguns teóricos	23
3.2 Desenvolvimento da oralidade: o que dizem os documentos oficiais?	27
3.3 O papel do professor no processo de desenvolvimento da linguagem da criança.....	28
4. METODOLOGIA	32
5. O DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: um caso a ser acompanhado	34
5.1 Conhecendo o professor da Educação Infantil	34
5.2 Conhecendo Sol: uma criança com dificuldades na fala	39
5.3 Observações e compreensões acerca do estudo de caso com Sol	40
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	45
APÊNDICE – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	47

1. INTRODUÇÃO

A prática pedagógica tem diversas funções quando se trata de favorecer e estimular as capacidades da criança, especialmente na educação infantil. A fala é uma das importantes competências que a criança desenvolve favorecendo o desenvolvimento de outras funções, como por exemplo, as interações, e em geral todos os seus aspectos cognitivos. Com base nisso, é necessário que o tema abordado seja discutido por professores, gestores e inclusive pela família, pois esta também é de fundamental importância nesse processo servindo de exemplo e estímulo para a criança na sua descoberta da fala.

A linguagem é o que une os indivíduos de uma sociedade, seja pela fala ou manifestada de outras formas, como os gestos ou as expressões faciais. Nesse sentido, o sujeito consegue entender o que o outro quer dizer e assim as comunicações se tornam possíveis formando grupos sociais e externando pensamentos. Além disso, a fala também favorece a cultura, seja por meio de idiomas, de acordo com determinadas regiões, ou através do grupo social ao qual se pertence.

Para a melhor compreensão do tema e maior embasamento teórico, trouxemos os autores Piaget (1999) e Vygotsky (1984) que serviram como fonte teórica do estudo, no intuito de melhor entender o processo de desenvolvimento da oralidade da criança, fazendo relação com seus fatores de influência como a afetividade, cognição, o meio social e a genética. Também traremos as Diretrizes Curriculares Nacionais (2012) e a Base Nacional Curricular Comum (2017) para abordamos sobre a Educação Infantil. Além dos Referenciais Curriculares Nacionais (1998), buscando compreender o papel do professor como participante e atuante na construção da linguagem oral da criança.

O interesse inicial por realizar este estudo ocorreu por meio de uma motivação familiar. O surgimento de nossa inquietação estava próximo a nossa realidade, concretizado por alguém que se encontrava em situação de dificuldades na fala, em seus primeiros anos de vida, ainda em processo de desenvolvimento cognitivo. Outro ponto que também nos motivou para a realização da investigação foi por este assunto não ser um tema discutido nas escolas, ocasionalmente, não ficando muito em pauta pelos profissionais da educação. Partindo disso, acreditamos que o estudo servirá de auxílio na obtenção de maiores conhecimentos para educadores, pesquisadores, famílias e outros sujeitos que se sentirem interessados pessoalmente ou profissionalmente sobre os processos de desenvolvimento da oralidade.

Trouxemos para este estudo algumas inquietações traduzidas nestas questões: Como se dá o desenvolvimento da oralidade das crianças de 3 e 4 anos de idade? Como

ocorre o desenvolvimento da criança e de sua fala na Educação Infantil segundo os pensadores Piaget (1984) e Vygotsky (1999)? De que maneira o professor pode trabalhar em sala de aula para estimular a fala das crianças e dirimir suas dificuldades? Como a família pode contribuir para o desenvolvimento desse processo?

Nesse sentido, abordaremos especialmente o desenvolvimento da fala em crianças de 3 e 4 anos de idade buscando compreender a importância do papel da família, dos professores de educação infantil e da sociedade como participantes e atuantes das aprendizagens do sujeito nesse processo.

Diante desta realidade, o objetivo geral que orienta este trabalho consiste em: Investigar os processos envolvidos no desenvolvimento da oralidade das crianças na educação infantil. Para permitir uma compreensão mais ampla, buscou-se: compreender os processos de fala da criança apresentando como os pensadores analisam seu desenvolvimento; avaliar de que maneira os professores da educação infantil trabalham para desenvolver a oralidade da criança e dirimir as dificuldades encontradas; aferir maneiras de como a família pode contribuir no desenvolvimento desse processo.

A pesquisa aqui apresentada encontra-se assim organizada: na primeira seção abordaremos sobre o desenvolvimento da oralidade nas perspectivas de Vygotsky (1984) e Piaget (1999) apontando seus pensamentos, estudos e investigações enfatizando o que dizem a respeito da linguagem oral e os fatores que contribuem nesse processo. Além disso, também trataremos a importância da família como meio de favorecer estímulos à fala através das interações que realiza com a criança.

Na sessão seguinte falaremos a respeito do que dizem os documentos oficiais sobre a Educação Infantil, esta que se divide em creche e pré-escola. Partindo disso, abordaremos sobre as propostas pedagógicas, a importância que a escola tem na vida da criança e os direitos que lhe são assegurados. Com base nisso, faremos relação com o que os documentos trazem sobre o desenvolvimento da oralidade enfatizando a importância da fala como meio necessário no desenvolvimento cognitivo; também abordando o papel do professor e da escola como um dos principais participantes em favorecer e estimular a construção de um rico vocabulário para a criança.

Com intuito de alcançar os objetivos da pesquisa, como metodologia, organizamos nosso estudo em uma pesquisa de natureza qualitativa, através de um estudo de caso associado por uma pesquisa bibliográfica que forneceu subsídios para as análises dos dados coletados em nossa pesquisa de campo. Foi feita uma observação da vivência escolar de uma criança de três anos e meio, que está cursando infantil nível III – creche, acompanhando

por alguns dias um pouco da sua rotina na escola e em casa, seu comportamento com a professora, com a família e seus colegas.

Por conseguinte, também realizamos uma entrevista com a professora da turma por meio de um questionário, afim de melhor conhecer seu trabalho pedagógico. Logo depois, apresentamos os resultados do estudo de caso, abordando a entrevista com a professora, a observação da criança e a observação da pesquisa. Neste sentido, fizemos relação com alguns teóricos para maior apropriação de conhecimento.

Nas considerações finais, abordamos os objetivos que alcançamos com a pesquisa, respondendo as perguntas que foram propostas no trabalho. Concluindo a importância do estudo realizado como fonte de pesquisa e enriquecimento teórico para todos os pais ou responsáveis que buscam maneiras de dirimir dificuldades na fala da criança. Também para professores e pesquisadores que buscam compreender o processo de evolução da linguagem e favorecer seu desenvolvimento no intuito de alcançar melhorias, auxiliando em novos estudos e pesquisas.

2. DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE NA INFÂNCIA

A presente sessão tem como objetivo apresentar os pensamentos que os autores Vygotsky (1984) e Piaget (1992) têm acerca do desenvolvimento da fala da criança. Partindo disto, ideias relevantes serão levantadas e refletidas, trazendo as concordâncias que os autores possuem como também as diferentes percepções que fazem em relação ao tema abordado.

2.1 Desenvolvimento da fala nas perspectivas de Vygotsky e Piaget

A criança é um ser que nasce com diversas capacidades mentais e que por meio de suas interações com a família e com outras pessoas que a cerca desenvolve diversas formas de se comunicar. Partindo disso, a comunicação faz parte de um processo que está inteiramente ligado ao conjunto de habilidades que a criança possui, possibilitando que sua comunicação não dependa apenas da fala, mas de outros mecanismos que veremos mais a frente. Segundo Santos e Farago (2015, p. 115):

a partir dessa interação e do diálogo com outras pessoas, a criança desenvolve uma inteligência denominada verbal, essa inteligência é guiada pela linguagem agindo sobre as ideias. A criança começa a comparar, classificar, inferir, deduzir etc., criando modalidades de memória e imaginação indicando situações de desejo e objetos do mundo externo, as crianças utilizam palavras que especifica características próprias, servindo de instrumento para o diálogo e para o pensamento discursivo.

Considerando esta afirmação, percebemos que a interação da criança com o mundo se torna mais significativa possibilitando maior desenvolvimento de sua autonomia.

Na perspectiva de Vygotsky (1984), a criança tem contato com a linguagem através da interação com outro indivíduo, ou seja, de maneira social, recebendo estímulos através de suas primeiras interações por meio do contato com os pais e com a família.

Vygotsky (1984, p. 21) afirma que:

a fala da criança é tão importante quanto a ação para atingir um objetivo. As crianças não ficam simplesmente falando o que elas estão fazendo; sua fala e ação fazem parte de uma mesma função psicológica complexa, dirigida para a solução do problema em questão.

Entretanto, a fala e a ação não se originam apenas no pensamento, mas também de maneira primitiva, de forma independente. Nesse sentido, compreende-se que a fala está ligada ao pensamento, mas não inteiramente. Vygotsky (1996, p. 208) afirma que: “a forma

mais primitiva de fala é o grito e outras reações vocais que acompanham movimentos, fortes emoções e assim por diante.”. Também dizendo que essas ações da fala “Têm suas raízes na simples tendência a aliviar a tensão que se cria no organismo; não podem pretender outro papel senão o de movimentos expressivos simples.”. Vygotsky (1996, p. 209) continua afirmando que:

a fala e o pensamento podem ocorrer separadamente no adulto, mas isso não significa absolutamente que esses dois processos não se encontrem e se influenciem reciprocamente. Pode-se dizer exatamente o contrário: a convergência entre pensamento e fala constitui o momento mais importante no desenvolvimento de um indivíduo e é exatamente essa conexão que coloca o pensamento humano numa altura sem precedentes.

Partindo disso, compreende-se que a fala também faz uma relação com o pensamento, pois ao usar a linguagem para se comunicar, antes a mensagem passa pela mente e logo depois é transmitida num tipo de fala interna, que se origina primeiramente no pensamento.

A criança nasce sem conseguir compreender as linguagens que estão sendo faladas ao seu redor, então, se comunica da sua forma mais primitiva, através de choros, gritos e gemidos vai buscando manter uma comunicação com os adultos. No decorrer de suas vivências com mundo a criança passa a perceber que as falas que escuta possuem significados que auxiliam nas relações uns com outros. Nesse sentido, passa a perceber que fazendo uso de certos sons e das combinações entre eles, ela se torna mais compreendida e passa conseguir o que deseja da melhor maneira. Um exemplo que Vygotsky (1996, p. 209) traz é que, “dizendo “am-am”, pode-se conseguir algo para comer, e dizendo “ma-ma”, pode-se chamar a mãe.”.

São nas imitações dos sons que escuta que a criança vai criando seu próprio vocabulário. Com um ano de idade esses sons são mais frequentes e no decorrer de seu crescimento sua linguagem vai se desenvolvendo. Por meio das junções de sons, a criança, inicialmente, usa a fala para exprimir seus desejos e satisfazê-los, quando ela faz essa percepção das palavras começa a ter curiosidade sobre tudo o que lhe interessa fazendo perguntas sobre o nome das coisas e usando a fala de maneira constante. Logo, vai adquirindo de maneira gradativa maior repertório ao seu vocabulário e “Finalmente, depois de determinado período, começa a criar palavras ativamente, começando a ampliar seu estoque insuficiente de palavras com novas palavras inventadas de improviso.” (VYGOTSKY, 1996, p. 210).

O ser humano nasce com alguns instintos podendo ser expressos por meio de atos intuitivos. Os sons que uma pessoa pode transmitir já nascem com ela, porém para que esses

sons tornem possível um diálogo é importante que a criança receba estímulos. A oralidade presente no meio social em que vive são aspectos fundamentais para que a criança crie proximidades com a fala.

Conforme Rego (1995), a fala tem como função o contato social entre as pessoas, ou seja, possibilita uma comunicação. Partindo disso, compreende-se que a linguagem é impulsionada pela necessidade de se comunicar. Nesse sentido, os balbucios e o choro são meios iniciais de comunicação não convencional que o bebê encontra para transmitir uma determinada mensagem para quem cuida dele, expressando também através de sons, gestos e expressões faciais ou corporais suas necessidades. Vygotsky (1984) nomeia essa fase como período pré-intelectual do desenvolvimento da fala.

Além disso, a criança também nasce com necessidades de buscar soluções para os conflitos que pode encontrar no seu dia a dia, sejam em suas brincadeiras ou em obstáculos. Rego (1995, p. 64) dá o seguinte exemplo, “é capaz de se utilizar de um baldinho para encher de areia ou de subir num banco para alcançar um objeto”. Vygotsky (1984) denomina esse período como pré-linguístico do desenvolvimento no pensamento, não sendo expressa por meio de atitudes diárias da criança.

A linguagem é o meio de interação entre os indivíduos de uma sociedade. Por meio dela as relações sociais se tornam possíveis. Nessa perspectiva, o adulto faz uso da linguagem para se comunicar dando significado aos sons, gestos e expressões da criança para sua maior inserção no mundo social. Rego (1995, p. 65) afirma que:

Na medida em que a criança interage e dialoga com os membros mais maduros de sua cultura, aprende a usar a linguagem como instrumento do pensamento e como meio de comunicação. Nesse momento o pensamento e a linguagem se associam, conseqüentemente o pensamento torna-se verbal e a fala racional.

Segundo Rego (1995), Vygotsky (1984) em seus experimentos percebe o desenvolvimento da fala como um processo que inicialmente se dá de uma fala exterior para uma fala egocêntrica e seguidamente para uma fala interior. A fala egocêntrica seria aquela que ocorre entre a fala exterior e a interior.

A criança inicialmente utiliza a fala como meio de o adulto suprir suas necessidades, um exemplo seria a criança pedir ao adulto algo que não está ao seu alcance, conforme Rego (1995, p. 66) a fala “não é utilizada como um instrumento do pensamento. Vygotsky chamou essa fala de discurso socializado”.

Já em outro momento a criança passa a internalizar essa fala e começa a interagir com ela mesma, na busca de sozinha conseguir o que quer. Ela planeja em seu pensamento

como alcançar tal objeto e assim internamente interage com suas ideias e possibilidades de conquista. Segundo Rego (1995), Vygotsky nomeia esse processo como discurso interior.

No terceiro momento a criança passa a expor em voz alta os planejamentos que faz em seus pensamentos, num processo ainda maior de interação com ela mesma. Ela não se dirige mais ao adulto na busca de alcançar o objeto, e seus planejamentos não ficam mais somente internos em seus pensamentos, agora a criança fala em voz alta o que deseja e como fará para conquistar.

Partindo disso, é possível perceber que a fala ocorre por meio de relações com o pensamento e também individualmente, ou seja, na sua forma primitiva. Seu processo na perspectiva Vygotskyana se dá por meio das interações sociais, sendo necessárias para seu desenvolvimento estímulos dos adultos na socialização com a criança e da criança com o meio influenciando em seus pensamentos e suas ações sobre o mundo e o meio que a cerca.

Piaget (1999), em sua perspectiva em entender como o sujeito se constrói, dedicou-se a estudar sobre como se organiza o conhecimento do mundo real no indivíduo. Para isso elaborou experimentos e testes em suas observações do desenvolvimento infantil, incluindo até seus filhos. Nesse sentido, buscou compreender o processo de desenvolvimento humano numa perspectiva biológica na qual o conhecimento se desenvolve a partir das experiências que o sujeito vivência, separando em quatro estágios que são: sensório motor (0 a 2 anos); pré-operatório (2 a 7 anos); operações concretas (7 a 11 ou 12 anos) e o das operações formais (11 ou 12 anos em diante).

No sentido de melhor abordagem da pesquisa trataremos mais sobre o estágio das pré-operações, pois é nesse período em que mais se aparece o uso da linguagem, que acaba por trazer modificações nos aspectos intelectual, afetivo e social. Partindo disso, o aparecimento da linguagem acaba por estimular o desenvolvimento do pensamento, ou seja, as imaginações da criança passam a ser exposta em suas brincadeiras, agora ela brinca e diz o que brinca. Como por exemplo, se imagina que um simples chapéu é um chapéu de bruxa, a criança brinca e ao mesmo tempo narra todo o seu momento de diversão.

“A criança desse período apresenta um pensamento pré-operacional, com comportamento egocêntrico, concebendo a existência de um mundo a partir de sua própria perspectiva, centrada em si mesma.” (PILETTI, 2014, p. 139). Nesse sentido, é quase impossível que realize trabalhos em grupo, além de não conseguir se colocar no lugar do outro. Portanto, cabe ao adulto e ao professor estimular as relações de diálogo entre as crianças. Como por exemplo, organizar o ambiente de modo que proporcione essa comunicação e auxiliar no processo de uso da fala por meio de diálogos significativos.

Outro aspecto importante sobre a fase das pré-operações é que muito da linguagem da criança parte de práticas imitativas por meio das observações que faz dos adultos. Com base nisso, é importante que o adulto atente para o que fala, pois a criança o percebe como um modelo a ser seguido. Além disso, na perspectiva de Piaget, Falcão (2003) percebe que:

A participação do adulto na vida da criança vai tomando novos rumos a partir do momento em que ela, atingido o *pensamento simbólico*, se capacita para o entendimento da linguagem verbal. (...) A linguagem garante a socialização da ação e permite à criança aprofundar seu relacionamento com os demais seres humanos (FALCÃO, 2003, p. 202).

No aspecto afetivo, Bock (1999, p. 103) aponta que “surtem os sentimentos interindividuais, sendo que um dos mais relevantes é o respeito que a criança nutre pelos indivíduos que julga superiores a ela. Por exemplo, em relação aos pais, aos professores.”. É nesse momento que a criança passa a refletir sobre a obediência, vendo no adulto alguém que rege as regras. Com o tempo esses pensamentos vão ganhando novos significados, de acordo com as experiências que ela vai adquirindo, esse processo ocorre por meio da assimilação e da acomodação. Nesse sentido,

Cada conhecimento novo que é assimilado modifica a pessoa, enriquecendo-a. Porém, é sobretudo na acomodação que se constata a aprendizagem. A acomodação é uma alteração na própria estrutura mental; é uma nova forma, mais complexa e profunda, de ver as coisas ou de pensar, que vai permitir um tipo diferente de assimilação (FALCÃO, 2003, p. 201).

Piaget (1999, apud SANTOS e FARAGO, 2015) compreende que a comunicação ocorre inicialmente com as pessoas que convivem com a criança, que são a família e a escola, sendo estes os dois meios principais para um bom desenvolvimento da linguagem oral. Nesse sentido, a fala se dá a partir das interações que o adulto estabelece com a criança fazendo com que essa se sinta um sujeito capaz de se comunicar e torne-se participante do meio que vive. Santos e Farago (2015, p.120) dizem que:

Podemos considerar que a fala se dá a partir da interação estabelecida pelas crianças desde que nascem, as situações cotidianas em que os adultos falam com ou perto delas fazem com que as mesmas conheçam e apropriem-se do mundo discursivo e dos contextos em que a linguagem oral é produzida.

Portanto, o constante uso da linguagem oral favorece esse desenvolvimento, aproximando a criança da fala através de estímulos que vivencia em seu dia a dia. Partindo disso, a escola também faz parte desse processo por ter um papel fundamental de proporcionar

e estimular usos contínuos da fala em atividades diárias que o professor pode trabalhar com seus alunos.

Com base nisso, atividades propostas devem estimular a participação da criança e fazer com que esta se sinta parte das relações de comunicações, proporcionando, se possível, uma grande quantidade de materiais que instiguem sua inteligência por meio de desafios e investigação. Além disso, a relação com outra criança também é fundamental para que através das interações desenvolva suas capacidades linguísticas, pois mesmo com o adulto tendo sua importância nesse processo, essa troca possibilitará uma superação dos desafios que ocorrem de igual pra igual.

2.2 Família como papel fundamental no processo de evolução da linguagem oral da criança

Inicialmente, para entender o real sentido da família para o desenvolvimento da criança é necessário compreender o que é família e como se constitui. Segundo o dicionário Aurélio família “são pessoas aparentadas, que vivem na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos [...] Núcleo constituído pela união entre dois indivíduos e pelos filhos nascidos ou agregados a partir dessa união.” (FERREIRA, 2010, p. 915). Portanto, pode-se entender que é o conjunto de pessoas que independente de sangue ou ligação estão unidas em um mesmo lar. Além disso, a família é a base de reconhecimento cultural da criança, pois através dela o indivíduo recebe suas primeiras influências e impressões sobre a sociedade e o mundo.

Pensar a respeito do significado da palavra família nos permite perceber que seu sentido vai muito além de saber que existe um pai provedor e uma mãe responsável pelo educar. Com as inovações que ocorrem constantemente na sociedade, a família passa a ser um lugar de união e acolhimento, independente de quantas pessoas fazem parte ou até mesmo se existe um pai e uma mãe. Nesse sentido, por meio de mudanças nas concepções de estudos antropológicos e sociológicos, hoje em dia é normal ver que não existem famílias iguais, pois muitas vezes sua constituição pode ser apenas de uma pessoa, de um grupo de amigos, apenas a mãe, uma irmã, os pais de um amigo, um primo ou um casal de tios, dentre outros.

Partindo disso, é necessário saber que a família é um dos principais fatores que influenciam no processo de desenvolvimento da fala da criança, pois são os primeiros indivíduos com que a criança realiza sua comunicação inicial. É através do meio familiar que ela passa a ter suas primeiras vivências com a oralidade. Portanto, é necessário que a partir do

momento em que a criança adentra em uma escola, a família e os professores mantenham uma boa relação de parceria para que assim possa haver uma interação na realização desse constante processo de desenvolvimento da linguagem oral do sujeito.

Pensando nisso Bondioli e Mantovani (1998, p. 211) dizem que:

é necessário que a família não possua um papel secundário no processo educacional da criança. Realmente, a creche não é um serviço capaz de substituir a família, mas de fortalecer a sua função, fornecendo um sistema de suporte para recursos, valores, convicções e ajuda no estresse. Somente através da colaboração entre instituição e família, a criança terá grandes vantagens da experiência de interação e comunicação que lhe é possibilitada na creche.

Com base nisso, compreende-se que é necessário que exista interesse da família em se tornar participante do desenvolvimento da criança na instituição de ensino e que a escola realize seu papel em possibilitar meios de promover essa parceria. Um dos aspectos importantes que norteia essa relação é o nível socioeconômico da família, pois o que muito se percebe pelos discursos de professores, gestores e instituições de ensino são que as famílias que possuem melhor situação econômica carecem de dispor da afetividade, já as de menor nível social são vistas como carentes de melhor nível de conhecimento e tempo para dedicar-se aos filhos, pois gastam mais tempo trabalhando.

Entretanto, são inúmeros os fatores que norteiam as relações da família com a escola, estes podem advir da sociedade em que se encontram, da cultura a qual pertencem, do nível econômico e até mesmo da religião que seguem. Entretanto, conforme os Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Infantil:

as instituições de educação devem servir de apoio real e efetivo às crianças e suas famílias, respondendo às suas demandas e necessidades. Evitar julgamentos moralistas, pessoais ou vinculados a preconceitos é condição para o estabelecimento de uma base para o diálogo (BRASIL, 1998, p. 78).

Portanto, a participação da família é de extrema importância no processo de aprendizagem da criança, isso se estende fundamentalmente no bom desenvolvimento de sua fala. Entretanto, essa relação não deve existir apenas em seus primeiros meses de vida, mas também através de uma continuidade dada por meio de incentivos na leitura e no diálogo diário. Além disso, ouvir a criança e deixar que se expresse livremente através da fala ou de outras formas que desejar se comunicar também auxiliará nesse processo.

Um sujeito que nasce em um ambiente que estimule sua oralidade possui maiores possibilidades de desenvolver sua fala de maneira mais rápida. Além disso, é importante que a família dê importância e atenção para o que a criança diz tornando sua linguagem parte dos

diálogos cotidianos. Entretanto, a fala não é algo que ocorre apenas através de estímulos cotidianos ou de maneira informal, pois mesmo a família sendo o ambiente inicial onde a criança tem suas primeiras interações, não é algo que garante que a criança desenvolva sua oralidade. É necessário que haja uma relação entre a escola e a família através de uma parceria, pois cabe ao professor o papel (será abordado mais a frente) de proporcionar esse processo com métodos e mecanismos facilitadores na construção da linguagem da criança.

Diante do que foi abordado, é de grande importância compreender os conceitos de Vygotsky e Piaget (1999) no desenvolvimento da oralidade da criança. Suas perspectivas e contribuições se fazem necessárias para melhor entender como se dá o processo de aquisição da fala. Os autores percebem que o uso da linguagem se dá a partir das interações sociais, entretanto discutem esse processo em várias etapas.

Vygotsky (1984), na sua percepção de evolução histórica e interacionista percebe que o desenvolvimento da linguagem faz relação com o pensamento, enfatizando a necessidade das interações entre os sujeitos para que ocorra o processo de aprendizagem. Piaget, em sua visão construtivista, descreve esse desenvolvimento em etapas que formam o indivíduo e que cada uma é necessária para que a outra ocorra. Além disso, o autor aponta a importância do papel do adulto, sendo visto como um modelo que a criança pequena reconhece para seguir.

Partindo disso, a família recebe uma função importante na evolução da linguagem da criança, pois é o primeiro meio social de vivências que participa, onde adquire experiências iniciais significativas para seu desenvolvimento.

Nesse sentido, é fundamental perceber na família o papel de grande influência no desenvolvimento da linguagem oral da criança, e também conhecer as concepções dos autores apontados para melhor compreender como funcionam os processos de funcionamento da fala da criança. Com base nisso, a busca de melhores práticas educacionais e maiores empenhos dos adultos que convivem com a criança com dificuldades na fala podem ocorrer através de ações de leitura, pesquisa, investigação e aprendizagem sobre os desempenhos cognitivos e seus aspectos de funcionamento, estes são alguns meios de proporcionar melhorias no aperfeiçoamento da linguagem oral se tornando um papel fundamental nesse processo de desenvolvimento.

Portanto, para um maior aprofundamento sobre o tema se faz necessário compreender melhor sobre a educação infantil e suas relações com o desenvolvimento da oralidade. Partindo disso, na sessão seguinte serão abordadas as concepções que os

documentos oficiais trazem a respeito da Educação Infantil e suas propostas pedagógicas, a relação que faz com a linguagem das crianças pequenas e o papel do professor nesse processo.

3. EDUCAÇÃO INFANTIL: primeira etapa da Educação Básica

Nesta sessão abordaremos sobre as concepções que os documentos oficiais trazem a respeito da educação infantil e a sua importância no desenvolvimento da criança; além disso, também trataremos o que consta nos documentos acerca do desenvolvimento da oralidade da criança e o papel do professor nesse processo na educação infantil.

3.1 Definições sobre a educação infantil com base nos documentos oficiais e alguns teóricos

A Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica, responsável por atender crianças de 0 a 5 anos de idade. Nesse contexto abrange duas faixas etárias: crianças de 0 a 3 anos na creche e de 4 e 5 anos na pré-escola. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010) a organização da jornada escolar das crianças se divide em tempo parcial com no mínimo de quatro horas, e em tempo integral de sete horas ou um pouco superior a isso, respeitando o tempo da criança na instituição.

Na perspectiva de integração da criança, a Base Nacional Curricular Comum afirma que “a Educação Infantil precisa promover experiências nas quais as crianças possam fazer observações, manipular objetos, investigar e explorar seu entorno, levantar hipóteses e consultar fontes de informação para buscar respostas às suas curiosidades e indagações.” (BRASIL, ano, p. 43). Além disso, se faz importante trabalhar as aprendizagens vivenciadas em sala de atividades respeitando alguns princípios que segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais são:

Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades. Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática. Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais (BRASIL, 2012, p. 16).

Sendo assim, quando uma criança está inserida na Educação Infantil, está vivenciando atividades que favoreçam seu desenvolvimento como ser em sociedade, além disso, seus aspectos intelectuais, físicos, como também sociais estão recebendo importantes influências para o futuro sujeito como adulto que vive em sociedade.

É importante saber que na fase da creche a criança necessita de cuidados e estímulos maiores, que vão além do ensino escolar, sendo esses os cuidados diários afetivos.

Com a creche a família encontra uma maneira para conciliar o trabalho com as responsabilidades familiares e para, desde cedo, proporcionar ao bebê um ambiente que favoreça seu desenvolvimento cognitivo. O cuidar vai além de higienizar e alimentar a criança, mas sim fazer desses momentos vivências significativas, como por exemplo, o diálogo na hora de trocar uma fralda ou perguntas que instiguem o pensamento da criança.

Já no período da pré-escola, a criança passa a ter mais responsabilidades, ou seja, nessa fase ela exercerá maior autonomia na realização de tarefas. Entretanto, isso não deve implicar em receber os mesmos cuidados necessários que recebeu no período anterior. Se nessa fase a criança já estiver vindo da creche poderá ter mais facilidade de adequação a escola como também ao ensino e aos (as) professores (as). Em contrapartida, isso não limitará no progresso de aprendizado da criança que não iniciou na creche, mas trarão maiores possibilidades de um desenvolvimento cognitivo, motor e social mais acelerado para a outra criança que iniciou na escola mais cedo, pois levarão em conta suas significativas experiências vividas.

Nesse sentido, a creche e a pré-escola são de direito da criança bem como todo o ensino regular. Sendo assim é importante saber que a educação só passou a ser um direito a partir da Constituição de 1988, conforme exposto no Art. 205: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988, p 123).

Partindo disso, ter acesso à educação é uma das maiores conquistas que o ser humano possui. Através dela, o mundo, a sociedade e tudo que a cerca se transforma. Partindo disso, é necessário que novas conquistas continuem a acontecer, pois são através de mudanças positivas que se alcançam melhores condições de vida. Logo, pode-se compreender que a criança, ao entrar na Educação Infantil já faz parte desse processo usufruindo de seus direitos como cidadã na sociedade em que vive.

No livro “Educação Infantil: fundamentos e métodos” de Oliveira, (2002, p.45) afirma que:

crianças são aquelas “figurinhas” curiosas e ativas, com direitos e necessidades, que precisam de um espaço diferente tanto no ambiente familiar, onde são objeto do afeto de adultos (em geral, adultos muito confusos), quanto do ambiente escolar tradicional, frequentemente orientado para a padronização de condutas e ritmos e para avaliações segundo parâmetros externos à criança.

Portanto, para o ensino nas creches e pré-escolas é necessário ligar a educação a cultura, a afetividade, as vivências e aos conhecimentos da criança dando mais sentido e significado ao processo de aprendizagem. O desenvolvimento da aprendizagem nas fases apresentadas é de grande importância para o processo de construção dos conhecimentos. Nesse sentido, mesmo a criança sendo curiosa por si só, são nos momentos da fantasia, da imaginação e do deleite que a criança passa a abrir seus leques do intelecto para uma maior atenção, dispondo de sua total concentração para o que está sendo apresentado a ela.

Além do que já foi abordado é importante acrescentar as propostas pedagógicas da Educação Infantil sejam realmente colocadas em prática no sentido de despertar e estimular todas as capacidades da criança. É nesse momento que Oliveira, (2002, p. 48) aborda que:

Um grande risco de uma proposta pedagógica para a educação infantil é o de “institucionalizar” a infância, regulá-la em excesso. Outro risco é o de torná-la um campo onde reine a espontaneidade, que pode camuflar formas sutis de dominação, tornando menos visíveis os critérios de excelência socialmente valorizados.

Ou seja, ao realizar uma proposta pedagógica, a escola deve procurar ampliar e abrir seus horizontes para além das palavras que ali estão expressas. A educação é socialmente construída alcançando crianças e adultos, visando as particularidades e as necessidades de cada um e percebendo as singularidades que cada turma possui. É no processo de ensino que o professor-pesquisador busca novos métodos de melhor trabalhar com seus alunos.

Uma das ideias que as propostas pedagógicas buscam valorizar é a autonomia da criança, pois um sujeito que pensa, imagina e busca criar e imaginar é um sujeito autônomo. E para isso a escola deve dispor de situações variadas para que a criança busque suas próprias significações, assim desenvolvem uma busca para a solução de problemas e inúmeras possíveis respostas.

Nessa construção da autonomia também entra a cooperação por meio da socialização. Na relação da descoberta, as crianças interagem umas com as outras e passam a perceber que quando trabalham juntas novas soluções de problemas proposto são encontradas. Assim, na criação de uma proposta pedagógica Oliveira, (2002, p. 49) diz que, “requer valorizar, nas crianças, a construção de identidade pessoal e de sociabilidade, o que envolve um aprendizado de direitos e deveres”.

Fazendo uma breve comparação, nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, (2010, p. 18) encontramos que:

A proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve ter como objetivo garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças.

Sendo assim, compreende-se que a proposta pedagógica na educação infantil deve ir além de proporcionar a sociabilidade da criança, mas propiciar meios para que sua aprendizagem se renove e construa novas aprendizagens favorecendo a criança para que tenha acesso a todos os direitos acima descritos.

Além disso, as Diretrizes trazem alguns objetivos para que essas propostas sejam mais bem colocadas em prática nas questões de espaço, tempo e materiais que são:

- ✓ A educação em sua integralidade, entendendo o cuidado como algo indissociável ao processo educativo;
- ✓ A indivisibilidade das dimensões expressivomotora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural da criança;
- ✓ A participação, o diálogo e a escuta cotidiana das famílias, o respeito e a valorização de suas formas de organização;
- ✓ O estabelecimento de uma relação efetiva com a comunidade local e de mecanismos que garantam a gestão democrática e a consideração dos saberes da comunidade;
- ✓ O reconhecimento das especificidades etárias, das singularidades individuais e coletivas das crianças, promovendo interações entre crianças de mesma idade e crianças de diferentes idades;
- ✓ Os deslocamentos e os movimentos amplos das crianças nos espaços internos e externos às salas de referência das turmas e à instituição;
- ✓ A acessibilidade de espaços, materiais, objetos, brinquedos e instruções para as crianças com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/ superdotação;
- ✓ A apropriação pelas crianças das contribuições histórico-culturais dos povos indígenas, afrodescendentes, asiáticos, europeus e de outros países da América (BRASIL, 2012, p. 19).

Já nas questões da diversidade identificamos nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil:

O reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças com as histórias e as culturas africanas, afro-brasileiras, bem como o combate ao racismo e à discriminação;
A dignidade da criança como pessoa humana e a proteção contra qualquer forma de violência – física ou simbólica – e negligência no interior da instituição ou praticadas pela família, prevendo os encaminhamentos de violações para instâncias competentes (BRASIL, 2012, p. 21).

Assim, compreende-se que para uma educação de qualidade é necessário que direitos e princípios sejam assegurados à criança da educação infantil tornando o processo de aprendizagem mais significativo.

3.2 Desenvolvimento da oralidade: o que dizem os documentos oficiais?

A fala é algo que está muito presente em qualquer meio social, ela é a principal forma que as pessoas encontram para se comunicar. Partindo disso, os bebês, desde cedo vivenciam essa fala por meio de seus pais, parentes afins e outras crianças, e mais tarde pelos professores. Essa linguagem manifesta-se inicialmente por meio de balbucios sendo atrelada a movimentos corporais e gestos que auxiliem nessa comunicação.

Gradativamente a criança vai desenvolvendo suas maneiras de se comunicar através do que presenciam em suas rotinas, como por exemplo, no período que está engatinhando e caminha para uma tomada elétrica ouvindo ligeiramente o som de um adulto dizendo a palavra “Não”. A criança internaliza e absorve ideias do que significa aquela palavra e vai buscando entender o seu significado, mais tarde compreende que aquilo é algo proibido. Nesse sentido, ela passa a tentar se comunicar sendo até mesmo por um gesto com a cabeça que viu no adulto ao tentar pegar na tomada elétrica, assim ligando os gestos, a fala e as expressões faciais e corporais se desenvolve a linguagem da criança.

Conforme os Referenciais Curriculares Nacionais,

A criança aprende a verbalizar por meio da apropriação da fala do outro. Esse processo refere-se à repetição, pela criança, de fragmentos da fala do adulto ou de outras crianças, utilizados para resolver problemas em função de diferentes necessidades e contextos nos quais se encontra (BRASIL, 1998, p. 125).

Assim, o papel do adulto e também de outras crianças é de fundamental importância para o desenvolvimento da fala da criança. É nesse processo que a verbalização passa a ser algo presente na em sua comunicação. Inicialmente ela testa suas linguagens usando de entonações, expressões e alterações do volume da voz antes mesmo de saber falar. Processualmente o adulto passa a entender o que a criança quis dizer e assim procura maneiras de melhor se comunicar. Nessa manutenção dos diálogos a comunicação não apenas se restringe a fala, como também favorece o entendimento da linguagem expressa para uma melhor relação de compreensão entre a criança e as pessoas que convivem com ela.

Durante o primeiro ano de vida, diferentes capacidades comunicativas e cognitivas convergem para formar, em torno dos 8 a 10 meses, um conjunto de habilidades necessárias à emergência da competência linguística propriamente dita. Nessa fase há um início de compreensão, quando a criança dá respostas apropriadas a certos pedidos ou proibições. Logo se observa uma etapa de produção das primeiras palavras (em torno dos 11 a 13 meses) e uma explosão do vocabulário (entre 18 e 20 meses), quando a criança experimenta a possibilidades de generalizar os vocábulos que domina (OLIVEIRA, 2002, p. 150).

Para Oliveira (2002), a criança terá essa grande necessidade de dominar a linguagem com 20 meses de vida e traz um exemplo desse processo quando ela passa até criar suas próprias palavras “(ex: “Eu bebi e fazi”)” (OLIVEIRA, 2002, p. 151). Partindo disso, ao decorrer de seu desenvolvimento a criança vai enriquecendo seu vocabulário através de suas interações com os adultos ou crianças que possuem uma linguagem mais desenvolvida que a sua. Nessa perspectiva, Oliveira (2002) afirma que, por volta dos 4 e 5 anos o indivíduo já tem um domínio maior da fala e também já compreende melhor os seus conceitos.

A criança é um ser que possui grande curiosidade de descobrir como funciona o mundo que a cerca, ela questiona, experimenta, constrói e até mesmo imita para se sentir parte do meio em que vive, seja ele familiar, escolar ou social. Por meio desse processo, muitos dos sentidos da criança estão sendo desenvolvidos, entre eles está a linguagem que é instigada através dos diálogos presentes em sua vida, das músicas, brincadeiras, histórias contadas, filmes ou desenhos em que assiste.

Nessa construção a criança vai experimentando e usando o que já presenciou em casa ou na escola construindo suas maneiras de se comunicar por meio de expressões, formas verbais e palavras na tentativa de se apropriar da linguagem humana. Os Referenciais Curriculares Nacionais afirmam que, “As crianças têm ritmos próprios e a conquista de suas capacidades linguísticas se dá em tempos diferenciados, sendo que a condição de falar com fluência, de produzir frases completas e inteiras provém da participação em atos de linguagem” (BRASIL, 1998, p. 126).

Com base nisso, as crianças se desenvolvem de maneiras e em tempos diferentes nas suas perspectivas singularidades que lhe constroem como sujeito. Além disso, os estímulos que recebem são de grande relevância para favorecer e auxiliar no processo de construção da linguagem oral.

3.3 O papel do professor no processo de desenvolvimento da linguagem da criança

A criança é observadora e entende as ações que ocorrem com ela e com o meio em que vive, logo se no ambiente em que está inserida não é estimulada com diálogos ou não possui familiares com um rico vocabulário, o processo de sua fala pode ser comprometido, ou até mesmo, em alguns casos, gerar complicações no desenvolvimento da oralidade. É nesse sentido que o professor acaba por ter um importante papel para o alargamento da linguagem verbal da criança. É no espaço da sala de atividades que se favorece o ensino-aprendizagem com o auxílio de diversos materiais, meios e mecanismos que incentivem a comunicação, o

pensamento inventivo e a imaginação da criança. Sendo assim, trabalhos com leitura, recortes de revistas, contação de histórias, atividades com música, brincadeiras com jogos de palavras, dentre outros fazem parte desse processo e familiarizam a criança com o mundo das palavras favorecendo o desenvolvimento de sua linguagem.

Além disso, todos os meios e recursos que o professor utiliza fazem grande diferença, pois o foco não deve ser alfabetizar, mas sim proporcionar maior proximidade e vivências que desencadeiem os conhecimentos que a criança já possui e assim, facilitar e possibilitar intimidade com a escrita e a oralidade, tornando-as mais significativas para a criança. Partindo disso, Santos e Farago (2015, p.125) afirmam que:

Na educação infantil deve ser explorado com as crianças o processo de ler e escrever sem o compromisso de alfabetizá-los até o final deste período. A prática dos professores nas instituições devem conter conhecimento e experiências dos estudos sobre as teorias do ler e escrever integrando-os a esse universo lendo e escrevendo juntos, professor e aluno.

Nesse sentido, é necessário que se proporcione meios para criança pensar, criar e participar ativamente no processo de desenvolvimento da sua oralidade e escrita. Partindo disso, também é importante que o professor parta dos interesses que a criança possui e deixe-a se expressar livremente para assim conhecê-las em suas particularidades.

Além disso, é importante que para uma ampliação da oralidade, a linguagem oral esteja como um conteúdo no sistema de educação infantil, pois é através da linguagem que novas capacidades se desenvolvem. Também é importante compreender que o desenvolvimento da criança ocorre quando as aprendizagens são bem estabelecidas. A aprendizagem é um processo que necessita de continuidade e algumas vezes de repetição, que possibilite o novo sem esquecer-se do que já foi visto.

Nessa perspectiva, o professor deve propor inúmeras possibilidades e desafios de construção dessa linguagem, trabalhando a oralidade em conjunto com a leitura e a escrita. Esses estímulos podem ocorrer em momentos de rodas de conversa, propondo que expressem seus sentimentos e desejos ou relatem suas vivências; por meio da leitura de diferentes gêneros literários (trava-línguas, parlendas, poemas etc.); nas músicas; no manuseio de recursos que possuam palavras, como revistas, jornais e histórias em quadrinhos e em diversas outras formas que promovam a participação da criança no uso da linguagem.

O uso da leitura é um fator fundamental para o desenvolvimento da oralidade, pois estimula a curiosidade pela leitura e pela escrita. A criança deve encontrar deleite e prazer nos momentos da contação de histórias, nesse sentido, para estimular maior atenção

das crianças o professor pode usar entonações de voz no momento da contação dando mais vida aos personagens, como também o uso de outros recursos.

Nessa perspectiva, o trabalho com os gêneros textuais deve ser de uso contínuo para que a criança realmente conheça e se aproprie dele. Um exemplo é o trabalho com receitas, em que o professor pode apresentar para as crianças através de uma música trazendo um modelo para que elas conheçam, já em outro dia criar juntamente com elas alguma receita ou até mesmo colocar em prática alguma que seja significativa para as crianças, um exemplo seria a produção da massinha de modelar. Nesse sentido, esse processo traria mais aprofundamento do gênero escolhido sendo trabalhado de melhor maneira e realmente compreendido pelas crianças.

A comunicação é um fator fundamental para o desenvolvimento da oralidade da criança, é nesse sentido que se faz importante que o professor estabeleça situações de conversa possibilitando que a criança amplie seus conhecimentos linguísticos. Um exemplo é em uma roda de conversa lançar perguntas que estimulem o seu pensamento e a sua fala, fazendo com que ela busque formas de ser entendida dando total atenção para o que a criança pode dizer. Nessa relação de diálogo o professor auxilia na construção das falas da criança servindo como apoio ao seu desenvolvimento verbal.

Por conseguinte, o ambiente acolhedor e estimulante pode fazer com que a criança se sinta realmente dentro da história e se envolva dedicando total atenção para aquele momento. Pois, conforme os Referenciais Curriculares Nacionais:

Algumas vezes, o termo “ambiente alfabetizador” tem sido confundido com a imagem de uma sala com paredes cobertas de textos expostos e, às vezes, até com etiquetas nomeando móveis e objetos, como se esta fosse uma forma eficiente de expor as crianças à escrita. É necessário considerar que expor as crianças às práticas de leitura e escrita está relacionado com a oferta de oportunidades de participação em situações nas quais a escrita e a leitura se façam necessárias, isto é, nas quais tenham uma função real de expressão e comunicação (BRASIL, 1998, p.151)

Partindo disso, o ambiente de aprendizagem vai além do que a criança pode ver, pois não são as palavras e textos colados nas paredes da sala ou da escola que irão fazer com que sua linguagem seja estimulada, mas sim os estímulos que o professor proporciona e os mecanismos que utiliza para que ela vivencie o mundo das letras. Além disso, os Referenciais Curriculares Nacionais também alertam que “sempre que possível, a organização do espaço físico deve ser aconchegante, com almofadas, iluminação adequada e livros, revistas etc. organizados de modo a garantir o livre acesso às crianças” (BRASIL, 1998, p. 156).

Por conseguinte, Oliveira (2002) diz que o ambiente de aprendizagens das creches e pré-escolas é considerado um campo de vivências e de diversas explorações, um lugar onde a criança experimenta e expressa suas sensações e percepções. Com base nisso, o espaço de ensino-aprendizagem deve ser organizado e planejado com foco em possibilitar que o sujeito se desenvolva, em que seus pensamentos e imaginações façam sentido, e o que for ensinado pelo educador tenha relação com suas experiências.

Nesse sentido, é importante compreender que o espaço da sala de atividades é aquele onde a criança sente que faz parte do meio em que se encontra, no qual consegue desenvolver sua autonomia tendo acesso aos materiais e aos recursos que estão a sua volta, em que o professor não é o centro, mas sim o mediador do seu processo de desenvolvimento.

Portanto, compreendemos que a educação infantil é a primeira etapa da educação básica onde a criança se relaciona inicialmente com o ensino e onde ocorrem suas primeiras interações e brincadeiras direcionadas. Com base nisso, é fundamental que as instituições de ensino e o professor conheçam as definições que os documentos abordam, auxiliando na abordagem e no trabalho pedagógico com crianças pequenas. Além disso, conhecer as necessidades do sujeito de acordo com sua faixa etária possibilitará maiores meios de organizar um ambiente acolhedor e estimulador das aprendizagens.

Sendo a educação hoje um direito de todos, é imprescindível que seja de qualidade. Portanto, se faz necessário que se possibilite meios e recursos para que os professores realizem seu trabalho da melhor forma, proporcionando um ensino que favoreça as vivências e que estimule a sociabilidade, a oralidade, a criatividade e as vivências da criança.

Com base nisso, vimos que a oralidade é um dos importantes mecanismos que favorecem as interações da criança influenciando em seus aspectos cognitivos. Portanto, entender a importância da fala no desenvolvimento do sujeito é fundamental para que o educador parta de atividades que estimulem a linguagem e a participação da criança. Nesse sentido, o educador deve promover atividades lúdicas, rodas de conversa, leituras diárias ou semanais, produção autorais das crianças e atividades em grupo, como meios de possibilitar o desenvolvimento completo da criança.

4. METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida teve caráter qualitativo, que no sentido popularizado é “aquela que não envolve números, isto é, na qual qualitativo é sinônimo de não-quantitativo” (ANDRÉ, 1995, p. 23), entretanto, ela pode chegar a fornecer dados, mas será de maior valor descritivo baseado nas observações da pesquisa. Além disso, André (1995) trás algumas definições de outros autores, porém observa e afirma que o conceito de pesquisa qualitativa precisa ser mais discutido, pois ainda que se tenham várias críticas e defesas precisa-se de mais fundamentação para melhor conceituação do termo qualitativo.

Partindo disso, pode-se compreender que pesquisa qualitativa é aquela em que os entrevistados estão mais livres para expressar seus pontos de vista, aquela em que os levantamentos abordados não são necessariamente objetivos, ou seja, o objetivo da pesquisa não seria o de encontrar quantidades, mas de entender e compreender o que está sendo investigado trazendo indagações e reflexões para o leitor levantar suas próprias hipóteses.

Além disso, a pesquisa será do tipo estudo de caso etnográfico, que segundo André (1995), uma de suas muitas características, a pesquisa etnográfica é aquela que faz uso da “observação participante, a entrevista intensiva e a análise de documentos” (ANDRÉ, 1995, p. 28). Já no estudo de caso, para a autora é aquele que “ênfatiza o conhecimento do particular. O interesse do pesquisador ao selecionar uma determinada unidade é compreendê-la como uma unidade” (ANDRÉ, 1995, p. 31).

Nesse sentido, fazendo a junção dos dois tipos (etnográfico e estudo de caso), para que ele seja reconhecido com um estudo de caso etnográfico é necessário “que seja um tema bem delimitado, isto é, uma unidade com limites bem definidos, tal como uma pessoa, um programa, uma instituição ou um grupo social” (ANDRÉ, 1995, p. 31). Para Gil (2010, p. 38) dois dos pontos que o estudo de caso se aplica é em “descrever a situação do contexto em que se está sendo feita determinada investigação; formular hipóteses ou desenvolver teorias”.

Partindo disso, realizamos o estudo observando uma criança com aproximadamente quatro anos de idade matriculada no nível III da educação infantil etapa da creche. Também foi realizada uma pesquisa bibliográfica, partindo de leituras em livros, sites, artigos dentre outros mecanismos de investigação que se achavam necessário para melhor compreender e abordar o tema, assim trazer reflexões que contribuam para compreensão do processo de desenvolvimento da fala das crianças de três e quatro anos de idade.

A criança escolhida para realização da pesquisa possui três anos e meio de idade e encontra-se matriculada no período da manhã em uma escola de rede privada situada em

Fortaleza-Ce. O participante demonstra dificuldades na fala, fato observado nas interações com a família, colegas de turma e com a professora. Partindo de suas características, vivências e brincadeiras, o nome fictício escolhido para a criança supracitada foi Sol.

O colégio em que Sol estuda conta com turmas da educação infantil ao ensino médio, sendo que o ensino fundamental fica no andar superior do prédio, a educação infantil no piso térreo, o ensino médio em outro anexo. O ambiente da educação infantil conta com turmas do infantil II ao V possuindo um parquinho localizado no centro do pátio, este é sobre uma área coberta contendo um escorregador e alguns brinquedos de gangorra. Quanto a iluminação está mais focalizada na entrada que dá acesso às salas.

A sala da turma do infantil III que o aluno observado faz parte possui uma porta e pequenas entradas de ar na parede formando uma janela. Além disso, a área tem uma mesa grande e duas menores para as crianças, um birô para a professora, um armário com recursos e materiais pedagógicos e uma estante feita de alvenaria para pôr os livros dos estudantes. Sobre o espaço onde ocorrem as aulas, encontramos nos Referenciais Curriculares Nacionais que:

A organização dos espaços e dos materiais se constitui em um instrumento fundamental para a prática educativa com crianças pequenas. Isso implica que, para cada trabalho realizado com as crianças, deve-se planejar a forma mais adequada de organizar o mobiliário dentro da sala, assim como introduzir materiais específicos para a montagem de ambientes novos, ligados aos projetos em curso. Além disso, a aprendizagem transcende o espaço da sala, toma conta da área externa e de outros espaços da instituição e fora dela (BRASIL, 1998, p. 58).

Partindo disso, compreendemos que o ambiente de aprendizagens deve ser agradável e aconchegante, onde a criança se sinta confortável para ler, brincar, interagir, expressar seus pensamentos e expor sua criatividade, um lugar que lhe permita se sentir pertencente. Nesse sentido, o professor é o responsável por tornar a sala de atividades um espaço que favoreça a criança em todos os seus aspectos de desenvolvimento.

5. O DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: um caso a ser acompanhado

A pesquisa iniciou-se primeiramente com uma visita à escola e uma conversa com a coordenadora, tendo em mãos a declaração e juntamente o questionário que seria feito com a professora da turma. Os documentos ficaram na escola para serem avaliados pela direção. Após as devidas observações da escola foi conversado ainda na mesma visita os dias que seriam feitas as observações, também informando que todas as informações referentes à escola, a professora e ao aluno observado seriam mantidas em sigilo por questões de privacidade e segurança.

As observações ocorreram em torno de oito dias, sendo em horários quebrados, por solicitação da coordenadora da escola que queria evitar muitas pessoas adultas dentro da sala de aula ao mesmo tempo, pois além da nossa participação teriam a professora da turma e a auxiliar. Nesse sentido, buscamos cumprir o combinado para não trazer conflitos entre a coordenadora e a escola.

A instituição nos recebeu de forma amigável e não demonstrou dificuldade no período das observações, pois tanto a professora da turma, como a coordenadora e as professoras das outras turmas foram bem receptivas para com a nossa presença. A turma na qual o aluno escolhido para observação fazia parte de educação infantil nível III – creche no turno da manhã. A sala contava com quinze crianças, sete meninos e oitos meninas, todas na faixa etária de três a quatro anos de idade.

5.1 Conhecendo o professor da Educação Infantil

Por meio das observações e visitas a escola foi possível conhecer um pouco sobre o perfil da professora. Seu trabalho com a turma ocorria por meio de rodas de conversa, atividades no livro, participação das crianças até a lousa, atividades no pátio em dias de psicomotricidade e em outros dias quando se achava necessário. Nesse sentido, suas aulas acabavam por não utilizar muito o lúdico, como contação de histórias, massinhas de modelar, tinta guache ou outros recursos didáticos.

Além disso, suas práticas caracterizavam-se por serem constantes, não ocorrendo mudanças, sendo sempre a mesma rotina das crianças. Inicialmente: Acolhida. Depois voltavam para a sala onde faziam uma atividade e seguiam para o recreio, depois o lanche e logo depois mais uma ou duas atividades encerrando o dia. Nas segundas-feiras, a docente

levava as crianças para a quadra onde elas tinham maior espaço para correr livremente e nas sextas aconteciam atividades de psicomotricidade que ocorriam no pátio da escola.

Partindo disso, para um maior conhecimento sobre a professora e de suas práticas, foi realizada uma entrevista com vinte e quatro perguntas no terceiro dia de observação ao final da aula. Por meio da entrevista, a docente informou que possui graduação em pedagogia e pós-graduação em educação infantil. Seu tempo de magistério na escola era de vinte anos com dezoito anos no infantil III. Para a entrevistada, a educação infantil é importante para que a criança desenvolva socialização, coordenação, leitura, atenção e interpretação oral e escrita. Além disso, a educadora percebe que o principal papel do professor nesse processo de desenvolvimento é o de incentivar. Conforme os Referenciais Curriculares da Educação a concepção de educação infantil é de que “Cumprir um papel socializador, propiciando o desenvolvimento da identidade das crianças, por meio de aprendizagens diversificadas, realizadas em situações de interação” (BRASIL, 1998, p. 23). Além disso, também tem a função de “auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis.” (BRASIL, 1998, p. 23).

Partindo disso, compreende-se que a visão da professora faz algumas relações com o que os documentos trazem a respeito sobre o papel da educação infantil para a criança, entretanto, os Referenciais partem de pressupostos que vão muito além de proporcionar um desenvolvimento nas aprendizagens cognitivas da criança, mas de promover seu desenvolvimento de maneira geral e completa, compreendendo em todos os seus aspectos.

Por meio da realização das perguntas, a professora informou que fundamenta sua prática de ensino numa perspectiva sócio interacionista, e também um pouco construtivista. Pois como afirma Rego (1995), a perspectiva sócio interacionista baseada em Vygotsky é aquela em que “o homem constitui-se como tal através de suas interações sociais, portanto, é visto como alguém que transforma e é transformado nas relações produzidas em uma determinada cultura.” (REGO, 1995, p. 93). Além disso, também foi interrogada se alguma rotina de sala é desenvolvida e se é considerada importante, a professora respondeu “*Sim, e considero muito importante, pois trás uma organização de tempo.*”. Nesse sentido, os Referenciais Curriculares contribuem afirmando que, “A rotina representa, também, a estrutura sobre a qual será organizado o tempo didático, ou seja, o tempo de trabalho educativo realizado com as crianças. A rotina deve envolver os cuidados, as brincadeiras e as situações de aprendizagens orientadas.” (BRASIL, 1998, p. 54). Portanto, compreende-se que

a rotina está muito relacionada à organização do tempo e para isso se faz necessário uma sequência didática que devem ser

planejadas e orientadas com o objetivo de promover uma aprendizagem específica e definida. São sequenciadas com intenção de oferecer desafios com graus diferentes de complexidade para que as crianças possam ir paulatinamente resolvendo problemas a partir de diferentes proposições (BRASIL, 1998, p. 56).

Pensando nos recursos utilizados nas aulas com as crianças, a professora informou que utiliza materiais visuais e concretos, além disso, também faz uso da sala de multimídia algumas vezes dependendo do assunto que será trabalhado na aula. Segundo os Referenciais Curriculares Nacionais:

Recursos materiais entendidos como mobiliário, espelhos, brinquedos, livros, lápis, papéis, tintas, pincéis, tesouras, cola, massa de modelar, argila, jogos os mais diversos, blocos para construções, material de sucata, roupas e panos para brincar etc. devem ter presença obrigatória nas instituições de educação infantil de forma cuidadosamente planejada (BRASIL, 1998, p. 69-71).

Além disso, o documento também afirma que “Os materiais constituem um instrumento importante para o desenvolvimento da tarefa educativa, uma vez que são um meio que auxilia a ação das crianças.” (BRASIL, 1998, p. 71). Por conseguinte, nas situações de conflito a docente afirma que “*Quando ocorrem problemas ou discussões entre os alunos eu me abaixo e procuro ter uma conversa com cada um olhando olho no olho.*”. Para melhor compreensão acerca de como as crianças percebem, se comportam e solucionam seus conflitos em suas interações a BNCC trás afirma que:

É na interação com os pares e com adultos que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista. Conforme vivem suas primeiras experiências sociais (na família, na instituição escolar, na coletividade), constroem percepções e questionamentos sobre si e sobre os outros, diferenciando-se e, simultaneamente, identificando-se como seres individuais e sociais. Ao mesmo tempo que participam de relações sociais e de cuidados pessoais, as crianças constroem sua autonomia e senso de autocuidado, de reciprocidade e de interdependência com o meio. Por sua vez, na Educação Infantil, é preciso criar oportunidades para que as crianças entrem em contato com outros grupos sociais e culturais, outros modos de vida, diferentes atitudes, técnicas e rituais de cuidados pessoais e do grupo, costumes, celebrações e narrativas. Nessas experiências, elas podem ampliar o modo de perceber a si mesmas e ao outro, valorizar sua identidade, respeitar os outros e reconhecer as diferenças que nos constituem como seres humanos (BRASIL, 2017, p. 40).

Quanto à relação que a professora tem com a família das crianças a entrevistada afirma ter uma boa relação, mas que não é tão próxima, ocorrendo apenas em reuniões e

encontros promovidos pela escola. Além disso, nos foi informado que suas avaliações ocorrem por meio de relatórios escritos semestralmente falando sobre o desenvolvimento da criança durante todo o semestre letivo.

Sobre as dificuldades que algumas crianças manifestam, a professora disse perceber que algumas possuem na coordenação motora e também na atenção. Para enfrentar essas dificuldades afirmou que *“Busco chamar a atenção deles por meio de brincadeiras e gesticulando.”*. Partindo disso, fazemos um paralelo com a brincadeira, pois ela

favorece a autoestima das crianças, auxiliando-as a superar progressivamente suas aquisições de forma criativa. Brincar contribui, assim, para a interiorização de determinados modelos de adulto, no âmbito de grupos sociais diversos. Essas significações atribuídas ao brincar transformam-no em um espaço singular de constituição infantil. Nas brincadeiras, as crianças transformam os conhecimentos que já possuíam anteriormente em conceitos gerais com os quais brinca (BRASIL, 1998, p. 27).

Além disso, o papel do professor é de total importância para que as brincadeiras tenham direcionamento e sejam bem realizadas, para isso os Referenciais Curriculares Nacionais complementam dizendo que:

Cabe ao professor organizar situações para que as brincadeiras ocorram de maneira diversificada para propiciar às crianças a possibilidade de escolherem os temas, papéis, objetos e companheiros com quem brincar ou os jogos de regras e de construção, e assim elaborarem de forma pessoal e independente suas emoções, sentimentos, conhecimentos e regras sociais. (BRASIL, 1998, p. 29).

Em relação às perguntas sobre a criança observada, a educadora afirma que já está como professora dele há oito meses. Na opinião dela *“ele tem um rendimento bom na escola. Faz as atividades de casa e de classe, apenas demonstra dificuldade na socialização”*, não demonstrando dificuldade em nenhum conteúdo específico. Além disso, também afirmou que seu comportamento em classe é regular e nos recreios é agitado e sem sociabilidade com os colegas.

Por conseguinte, foi perguntado como ela percebia sua comunicação com a criança observada, ao que ela afirmou: *“Tento manter uma boa comunicação, mas às vezes tenho muita dificuldade para entender o que ele diz, mas mesmo assim com um pouco de esforço é possível.”*. Tendo em vista que o desenvolvimento da oralidade se dá por meio de estímulos, sendo eles através da família, da escola e dos meios sociais que a criança vive, o ambiente de educação infantil é o principal responsável por trabalhar as capacidades da criança inclusive as linguísticas. Partindo disso, para que essa prática venha ocorrer, a escola tem como papel proporcionar uma sala acolhedora e agradável, onde a criança se sinta bem e

confortável para aprender, com mecanismos que favoreçam o interesse do aluno em participar, criar e imaginar. Portanto, o professor também tem sua função que é o de colaborar com este processo, onde suas atividades sejam realizadas por meio de leituras, rodas de conversa, jogos de escrita, dentre outros mecanismos. Para uma melhor compreensão do papel do professor no desenvolvimento da oralidade os Referenciais Curriculares apontam que:

Na instituição de educação infantil, são variadas as situações de comunicação que necessitam da mediação pela escrita. Isso acontece, por exemplo, quando se recorre a uma instrução escrita de uma regra de jogo, quando se lê uma notícia de jornal de interesse das crianças, quando se informa sobre o dia e o horário de uma festa em um convite de aniversário, quando se anota uma ideia para não esquecê-la ou quando o professor envia um bilhete para os pais e tem a preocupação de lê-lo para as crianças, permitindo que elas se informem sobre o seu conteúdo e intenção. Todas as tarefas que tradicionalmente o professor realizava fora da sala e na ausência das crianças, como preparar convites para as reuniões de pais, escrever uma carta para uma criança que está se ausentando, ler um bilhete deixado pelo professor do outro período etc., podem ser compartilhadas com as crianças ou integrarem atividades de exploração dos diversos usos da escrita e da leitura. A participação ativa das crianças nesses eventos de letramento configura um ambiente alfabetizador na instituição (BRASIL, 1998, p. 151).

Nesse sentido, compreende-se que o professor acaba por ter um importante papel de influência para o desenvolvimento da oralidade da criança, principalmente aquelas que não vivenciam ricas experiências de oralidade em casa ou em outros meios sociais que fazem parte.

Para a professora não era muito perceptível uma demonstração de interesse da família sobre o desenvolvimento da criança, entretanto ela reconheceu participação e parceria na relação com a escola, também informando que nas reuniões a instituição procurava encorajar e incentivar as famílias a participarem mais das aprendizagens de seus filhos. Reuniões que acontecem a cada dois meses.

Nesse sentido, os Referenciais Curriculares trazem inúmeras contribuições acerca dessa relação e em uma delas fala sobre como a escola pode estabelecer canais de comunicação com a família afirmando que:

A comunicação mais individualizada entre as famílias e as instituições de educação infantil deve ocorrer desde o início de forma planejada. Após os primeiros contatos, a comunicação entre as famílias e os professores pode se tornar uma rotina mais informal, mas bastante ativa. Entrar todos os dias até a sala onde sua criança está, trocar algumas palavras com o professor pode ser um fator de tranquilidade para muitos pais. (BRASIL, 1998, p. 78).

Partindo disso, a relação da família com a escola é algo que pode influir no desenvolvimento da criança na escola. Uma parceria que tem de ocorrer dos dois lados, pois

promovendo o progresso dessa interação haverá maior participação dos pais na aprendizagem dos filhos, além de criar uma aproximação com o professor e com a escola, trazendo comunicação, respeito e dedicação de ambas as partes.

5.2 Conhecendo Sol: uma criança com dificuldades na fala

Por meio das observações realizadas e da proximidade familiar com a criança foi possível perceber que Sol (como doravante iremos denominar a criança) é um menino com quase quatro anos de idade, alegre, carinhosa e que demonstra afeição para com quem tem alguma relação próxima. Durante os dias de visita a escola, notou-se que tem um bom desenvolvimento escolar, ele faz as atividades e participa das aulas quando a professora solicita. Entretanto, demonstra dificuldades na fala e conseqüentemente na socialização. Em alguns momentos observou-se que Sol falava com seus colegas de sala, porém ao não entenderem o que ele dizia, não respondiam, acabando por não ocasionar uma relação de comunicação.

Com base nisso, percebe-se que as relações de comunicação são importantes para possibilitar interação entre as crianças, para isso os Referenciais Curriculares Nacionais (1998) afirma que proporcionar situações de interações é o maior meio para a promoção de aprendizagens pelas crianças. Além disso, “é considerar que as diferentes formas de sentir, expressar e comunicar a realidade pelas crianças resultam em respostas diversas que são trocadas entre elas e que garantem parte significativa de suas aprendizagens.” (BRASIL, 1998, p. 31). Nessa perspectiva, é necessário que o professor propicie “situações de conversa, brincadeiras ou de aprendizagens orientadas que garantam a troca entre as crianças, de forma a que possam comunicar-se e expressar-se, demonstrando seus modos de agir, de pensar e de sentir, em um ambiente acolhedor e que propicie a confiança e a autoestima.” (BRASIL, 1998, p. 31).

Sol também acabava por brincar sozinho na maioria das vezes. Corria, usava os brinquedos e se divertia como qualquer outra criança, enquanto seus colegas interagem mais uns com os outros chamando para brincar ou dividindo algum brinquedo. Na sala de aula também interagia pouco, sempre era mais quieto, não colocava dificuldade para obedecer as ordens da professora ou da auxiliar. No quarto dia de observação, percebeu-se que Sol começou a girar em volta de uma coluna, algo que ele gostava de fazer em outros recreios, então dois colegas começaram a girar também brincando com ele de pega-pega. Isso foi algo

novo para ser observado, pois até então não havia tido maiores socializações vistas anteriormente.

Com base nisso, Wallon (1995) em seus estudos entende que a criança no processo de construção da sua personalidade passa pelo estágio personalista que ocorre por volta do terceiro ano de vida. Nessa fase, a imitação é algo que se faz presente num processo de relação do eu e do outro. Ele afirma que “a criança imita as pessoas que lhe atraem, incorporando suas atitudes e também o seu papel social, num movimento de reaproximação ao outro que tinha sido negado. É um processo necessário ao enriquecimento do eu e ao alargamento de suas possibilidades” (GALVÃO, 1995, p. 54). Além disso, também entende que “a criança imita para tomar o lugar do outro, para proporcionar-se o espetáculo de seu eu enriquecido pelo outro” (GALVÃO, 1995, p. 120).

Por conseguinte, o momento da acolhida, que acontece no início das aulas também foi observado. Todas as turmas do Infantil II ao infantil IV vão para o pátio onde as professoras fazem uma oração, colocam músicas e dançam juntamente com as crianças. Sol, ainda muito sonolento não demonstrou muito interesse, apenas ficava parado olhando para as professoras, notou-se que apenas em uma música fez alguns gestos com as mãos tentando imitar o que as professoras faziam, mas durou pouco tempo.

Em contrapartida, em casa demonstra outro comportamento. No meio familiar, Sol é uma criança muito falante (embora difícil compreensão) e até chega a gritar para conseguir o que quer. Também mostra grande interação com os primos, divide brinquedos, corre, conversa, abraça e brincam juntos. Com a família a comunicação não parece ser algo muito complicado, entretanto a mãe e a avó demonstram preocupação diante a dificuldade da oralidade que o filho apresenta. Nesse sentido, a mãe afirmou ter levado ao psicólogo e ao fonoaudiólogo afirmando que as visitas tinham datas distantes umas das outras dificultando o acompanhamento de Sol pelos profissionais.

5.3 Observações e compreensões acerca do estudo de caso com Sol

Com base nos teóricos lidos e nas observações realizadas é importante compreender que a oralidade é um aspecto importante para o desenvolvimento da criança e que esse processo tem seu desdobramento por meio de interações com os familiares e sujeitos próximos a ela. É necessário que haja estímulos para com a sua fala possibilitando seu desenvolvimento em outros aspectos, como por exemplo, na leitura, na escrita, nas relações e ocasionalmente também no pensamento.

Partindo disso, por meio das observações realizadas na escola e no meio familiar, percebemos que Sol é uma criança que demonstra dificuldades para se expressar através da fala o que pode trazer dificuldades futuras em seu desenvolvimento cognitivo. Entretanto, na escola não demonstrou muitas dificuldades na escrita e nem para reconhecer letras ou números solicitados pela professora, aparentando ter um desenvolvimento semelhante ao das outras crianças. Sua dificuldade demonstrou ser apenas na articulação das palavras ao serem pronunciadas, o que torna difícil a compreensão para as professoras e também para os colegas, o que acaba por gerar algumas complicações em suas interações.

No espaço da sala de aprendizagens notamos que muito se fazia o uso dos livros didáticos, mas com pouca realização de atividades lúdicas, que fizessem uso de massinha de modelar, pinturas com tintas, contação de histórias, recortes e colagens livres ou outros tipos de criações que fossem produzidas pelas crianças. Também notamos que o que mais se presava eram os conteúdos, deixando a desejar por atividades significativas que fossem centradas nas crianças e que favorecessem suas interações, descobertas e imaginações.

Além disso, na escola demonstrou ser uma criança muito quieta e pouco falante, expressando pouco sua linguagem oral. Entretanto, em casa percebemos que é bastante comunicativo, falando bastante e até algumas vezes gritando quando não é compreendido. Algo que foi notório constatar é que em sua oralidade ocorre o maior uso da letra “G” (papai - “gagai”; vovó - “gogó”; gelo - “guelo”) sendo também presente, em grande maioria, na pronúncia de outras palavras. Ao se solicitar a pronúncia correta, Sol consegue falar corretamente algumas palavras, mas depois acaba falando como antes.

Isso nos permitiu perceber que muitas vezes ele mostra que gosta de falar como fala, pois ao solicitar que repetisse a palavra “papai” ele falou (“*Não. Gagai!*”) e riu afetuosamente, como se aquela maneira de falar fosse a que achava correta, sentindo-se bem com a pronúncia. Em contrapartida, Sol também tinha o hábito de repetir as palavras que escutava nas conversas entre os familiares. Repetia diversas palavras ou pequenas frases por algumas vezes, como se estivesse tentando pronunciá-las corretamente.

Nas observações de suas vivências em família foi possível notar que corrigir as fala da criança não é algo muito presente nos diálogos cotidianos, ocorrendo por algumas vezes de os pais e familiares acabarem falando com ele repetindo a pronúncia incorreta das palavras. Por exemplo, “Vem pro gagai (papai)”; “A nanãe (mamãe) te ama”; “Dá tchau pra gogó (vovó)”. Além disso, essa forma de falar acabou por demonstrar algo que é realizado de maneira inconsciente, demonstrando certo tipo de relação afetiva dos familiares para com a criança.

É necessário salientar que em algumas conversas com os pais foi nos informado que já haviam levado Sol ao psicólogo e também a fonoaudióloga, mas não foi diagnosticado nenhum transtorno, apenas o que foi dito pelo psicólogo é que a criança apresentava birra e nada mais. Já com a fonoaudióloga as consultas traziam pontos positivos no processo de desenvolvimento da fala, porém eram consultas distantes umas das outras, com encontros que algumas vezes demoravam semanas para acontecer.

Levando em conta que nem todas as pessoas possuem condições financeiras de arcar com consultas particulares, incentivamos que os pais procurassem formas de esses acompanhamentos serem mais decorrentes com uma visita por semana, pois a idade em que Sol se encontra é muito importante no desenvolvimento completo da criança, além disso, quanto mais cedo for acompanhado melhor será ao decorrer de seu crescimento.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da pesquisa apresentada podemos compreender e esclarecer questões acerca de como ocorre o desenvolvimento da oralidade nas crianças de três a quatro anos de idade. Com base nisso, foi possível perceber que esse processo se dá por meio das primeiras interações da criança com a família, necessitando de estímulos direcionados que ocorrem com a participação do professor na educação infantil.

Segundo Vygotsky (1984), compreendemos que a oralidade se desenvolve ao decorrer do crescimento da criança fazendo relação com seu pensamento cognitivo, tendo as interações como os fatores fundamentais na construção da sua fala. Além disso, a linguagem, conforme afirma Piaget (1999) tem maior ênfase no estágio pré-operatório que é a partir dos dois anos. Nessa fase, a criança começa a entender melhor sobre si e sobre o mundo que a cerca através do pensamento e das relações com o outro.

A criança aprende através daquilo que observa. Partindo dessa perspectiva, é importante que o adulto, por meio de suas ações, perceba que existe um telespectador ao seu lado buscando compreender o mundo e as maneiras que as pessoas ao seu redor se comunicam e se relacionam, no sentido de ter sua participação nesse universo humano. Nesse sentido, é necessário que se realize interações com a criança, dando importância e significado para com as formas que se expressa, favorecendo no processo de construção da fala e do pensamento.

O adulto tem sua grande importância em desempenhar o papel de influência na evolução da oralidade da criança. Entretanto, também é necessária uma relação de igual pra igual, ou seja, de uma criança para com a outra para que haja uma superação na construção de sua fala. Seja na escola ou em outros meios sociais, ao interagir com uma criança que possui um vocabulário mais desenvolvido, ela sentirá a necessidade de aprender novas palavras e se tornará mais compreendida nas formas de expressar sua comunicação.

Com base nisso, os estímulos que ocorrem na educação infantil (período dos três aos quatro anos de idade) são fatores determinantes para que a criança desenvolva sua oralidade consideravelmente. Entretanto, é fundamental que a prática pedagógica proporcione mecanismos favorecedores que auxiliem e contribuam nesse processo de desenvolvimento, como por exemplo, a organização do espaço da sala de aprendizagens, a interação do professor com as crianças, proporcionando também as relações de comunicação entre elas, e parceria com os pais e a família, o que possibilitará maior participação nas aprendizagens dos filhos.

No intuito de entender melhor como se dá a relação da criança com a linguagem e a participação do adulto na prática, realizamos a pesquisa de campo que nos forneceu novos conhecimentos. Por meio das observações, podemos compreender os fatores que contribuem para o retardamento da fala ou ao seu pouco desenvolvimento, concluindo que alguns deles são a falta de estímulos nas atividades desempenhadas pela escola, o pouco conhecimento da família em relação às melhores formas de contribuir na evolução da linguagem oral, como por exemplo, a repetição de palavras incorretas pronunciadas pela criança, acabando por influenciar na construção de seu vocabulário.

No sentido de auxiliar aos pais, professores e todos aqueles que têm interesse de compreender o desenvolvimento da fala da criança, acreditamos ter alcançado nossos objetivos com o trabalho apresentado ao fazermos uma relação das perspectivas dos teóricos levando para a prática na sala de atividades. Além disso, também foi necessário conhecer sobre o que os documentos dizem a respeito do papel da educação infantil e do processo de desenvolvimento da fala para a criança no sentido de nos guiar e fornecer maiores conhecimentos sobre o que estaria sendo vivenciado na prática.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza Damalzo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

BOCK, A. M. B. et al. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 1999.

BONDIOLI, Anna; MANTOVANI, Susanna (orgs). **Manual de Educação Infantil - de 0 a 3 anos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

BRASIL. **Base Nacional Curricular Comum**. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 2 out. 2019.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 2 set. 2019.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Disponível em: <http://ndi.ufsc.br/files/2012/02/Diretrizes-Curriculares-para-a-E-I.pdf>. Acesso em: 2 set. 2019.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rnei_vol1.pdf. Acesso em: 2 out. 2019.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>. Acesso em: 6 set. 2019.

FALCÃO, M. G. **Psicologia da Aprendizagem**. São Paulo, SP: Ática, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.

PILETTI, Nelson. et al. **Psicologia do desenvolvimento**. São Paulo: Contexto, 2014.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: Uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SANTOS, M. G. da S.; FARAGO, A. C. **O Desenvolvimento da oralidade das crianças na Educação Infantil**. São Paulo: Bebedouro, v. 2, n. 1, p. 112-133, 2015. Disponível em:

<http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/35/06042015200343.pdf>. Acesso em: 16 mai. 2019.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, L.S.; LURIA, A. R. **Estudos sobre a história do comportamento: símios, homem primitivo e criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

APÊNDICE – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

1. Qual a sua formação inicial?	
2. Quanto tempo está no magistério?	
3. Quanto tempo ensina nesta turma?	
4. Para você, qual a importância da Educação Infantil para o desenvolvimento da criança? (físico, intelectual e social)	
5. Qual a importância da professora nesse processo de desenvolvimento?	
6. Qual a metodologia de trabalho que você utiliza em sala de aula?	
7. Você desenvolve uma rotina de sala na aula? Considera importante?	
8. Quais os recursos que você utiliza em suas aulas?	
9. Como você lida com as situações de conflito que aparecem em sala?	
10. Como você estabelece relação com a família das crianças?	
11. Como é realizada a avaliação das crianças?	
12. Você consegue perceber alguma criança com dificuldade na aprendizagem? Quais são as que mais se manifestam?	
13. Como você faz para enfrentar essas dificuldades com seus alunos?(Estratégias e Recursos)	

14. Há quanto tempo você é professora do Davi?	
15. Na sua opinião, qual o rendimento do Davi na escola? (interesses e participações em sala e nas atividades)	
16. Ele apresenta dificuldade em algum conteúdo específico? Se sim, qual ou quais?	
17. Quais suas estratégias para dirimir essas dificuldades?	
18. Como ele se comporta em sala de aula?	
19. Como ele se comporta nos recreios e em aulas de campo?	
20. Como você percebe sua relação de comunicação com o Davi?	
21. Como você percebe o relacionamento dele com as outras crianças?	
22. A família demonstra interesse no desenvolvimento dele na escola?	
23. A família demonstra participação e parceria com a escola?	
24. Na sua opinião, a família é encorajada e incentivada a participar das crianças? Como?	